
O problema antropológico em o Nome da Rosa

José Beluci-Caporalini, DCS, UEM

Acreditar é monótono; duvidar é apaixonante. (Sir Conan Doyle) *O diabo não é o príncipe da matéria, o diabo é a arrogância de espírito, é a fé sem sorriso, a verdade que não é nunca presa da dúvida* (*O nome da rosa*, p. 536)

Resumo: *O nome da rosa* é um livro com um conteúdo assaz muito rico. Ele tem uma gama muito grande de possíveis significados, tais como uma parábola sobre a Igreja da Idade Média e a atual, bem como os seus respectivos Papas e o mundo como um todo.

Neste artigo procura-se privilegiar o enfoque antropológico, a existência humana, desde uma perspectiva filosófica. A qual significado se ater? A nenhum, semiologicamente falando? Claro que não. A vida humana é semelhante ao *Finis Africae*: ela é cheia de segredos ocultos, de ocultos mistérios, cheia de possibilidades infinitas, logo, de significados. Contudo, segundo a mensagem final do livro, é impossível dar-lhe uma definição final apesar de seu significado profundo.

Ainda que se possa fazer tudo com as idéias; ainda que haja razão para tudo; ainda que se tenham apenas nomes vazios, como Eco diz no final de seu livro, ainda assim a vida humana tem significado

* Prof. de filosofia antiga na Universidade Estadual de Maringá, PR, DCS. E-mail: jcaporalini@ts2.com.br

porque o homem não é uma coisa entre mil: ele é a maior de todas as criaturas, não obstante tantas deficiências.

Não se pode dizer que o livro examinado seja sobre o ser humano em um primeiro momento. Não é bem assim: mas como Eco segue o método semiótico o qual possibilita várias interpretações, então se pode também fazer validamente uma leitura desde este ponto de vista ainda que não se possa chegar a uma clara definição, pois a vida humana é aporética.

Abstract: The same of the rose is a book of a very rich content. It has plenty of possible meanings, such as a parable about Medieval and present day Roman Catholic Church, and its respective Popes as well as the World at large.

In this article, it is searched for possible meanings, from the philosophical viewpoints about human existence. Which meaning? None, semiologically speaking? Not quite. Human life is similar to the *Finis Africae*: it is full of hidden secrets, full of mysteries, full of infinite possibilities, therefore, meanings. However, like the book's final message, it is impossible to give it a final definition despite its deep meaning.

Even if one can do everything with ideas; even if there is reason for everything; even if one has got just empty names, as Eco says, at the end of his book, even then human existence has got meaning because man is not a thing amongst many: he is the greatest of all creatures, despite so many shortfalls.

It is not fair saying the book is about human being *prima facie*. That is not quite the case: however, since Eco follows a semiotic method which allows for different approaches then it is also possible to make a reading from this point of view even if one can not have a clear definition and way out.

Introdução

Há já vários anos o escritor e pensador italiano Umberto Eco (1932-) publicou um livro de grande impacto no meio intelectual, intitulado *O nome da rosa*.¹ Neste romance ele aborda uma série de aspectos, e de temas com pluralidade de significados, com cultura, domínio e erudição bem peculiares e profundos. Este livro, devido

1. A tradução que aqui se segue é a seguinte: Umberto Eco. *O nome da rosa*. Trad. de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

à sua profundidade temática e conceitual, presta-se a uma série de grandes e de diversas abordagens e leituras hermenêuticas: medievalista, crítico-literária, semiótico-textual, ético-religiosa, sociológica, histórico-literária, filosófica, etc. Como há no livro de Eco múltiplas cosmovisões, pode-se, então, ter validamente uma cosmovisão antropológica. Aqui se procura fazer uma leitura antropológica, a partir da literatura e da filosofia, ainda que outros aspectos interpretativos também sejam levados em consideração. No que se segue procura-se ver como se articulam e se encaixam alguns dos possíveis significados a respeito do ser humano e de sua existência neste importante escrito.

1. Filosofia e literatura²

Um tópico que deve ser abordado, ainda que concisamente, é o que trata da validade de se trabalharem idéias filosóficas, a partir de ensaios literários com idéias filosóficas.

O fato de o pensamento filosófico de Umberto Eco vir à tona, neste livro, especialmente na forma de ensaísmo interpretativo, não deve causar surpresa, já que a filosofia, não sendo um gênero literário, pode se expressar em qualquer gênero.

Para o pensador português António Braz Teixeira, por exemplo:

*A filosofia não tem uma linguagem própria, uma linguagem especificamente filosófica. Ela ora se expressa em forma de diálogos, como em Platão, de aforismos, como Nietzsche, de diário como Kierkegaard, de pensamentos como em Pascal ou em peças teatrais como em Sartre, Camus e Kafka ou ainda em forma poética como em Antero e Fernando Pessoa.*³

Pinharanda Gomes tem pensamento semelhante quando afirma que

o que há de melhor na Filosofia é a ausência de forma, pois a Filosofia não tem forma, assim como não tem forma o ser, que é mera apetência. A forma da Filosofia é a Filosofia. Ela cabe no diálogo (como se prova em Platão), no

2. Cf. José Beluci Caporalini. *O conceito de homem em Fidelino de Figueiredo*. Londrina: UEL, 2001, p. 3-5.

3. Antonio Braz Teixeira, Rio de Janeiro, conferência pronunciada na Universidade Gama Filho, dez. 1987.

aforismo (*Empédocles*), no ensaio (*Aristóteles*), no comento (*Escolástica*), no discurso (*Sócrates*), na elegia (*Leonardo Coimbra*), na profecia (*António Vieira*), no drama (*Aristófanes*), na epístola (*Sêneca*) e na utopia (*Tomás Morus*)⁴

Antônio Braz Teixeira e Pinharanda Gomes não estão sós. O pensador italiano Giorgio Colli aborda o problema, dizendo o seguinte:

*Vimos que em Górgias a dialética sugere, ao menos em parte, que se tornará literatura. Mas é só com Platão que o fenómeno se declara abertamente. Este é um grande acontecimento, e não apenas no âmbito do pensamento grego. Platão inventou o diálogo como literatura, como tipo particular de dialética escrita, de retórica escrita, que num quadro narrativo, apresenta a um público indiferenciado os conteúdos de discussões imaginárias. A esse novo gênero literário o próprio Platão chama pelo nome de filosofia. Depois de Platão, esta forma escrita permanecerá como algo adquirido, e ainda que o gênero literário do diálogo se transforme no gênero do tratado, mesmo assim continuará a chamar-se filosofia à exposição escrita de temas abstratos e racionais, eventualmente estendidos, após a confluência com a retórica, a conteúdos morais e políticos. E assim até nossos dias, (...)*⁵

Mais. Werner Jaeger, no primeiro livro de sua *Paidéia*, fala do período arcaico, ao tratar dos filósofos pré-socráticos, Capítulo X, intitulado *O pensamento filosófico e a descoberta do cosmo*. A filosofia, ele afirma, no seu panorama general da época, ocupa um lugar peculiar, distinto dos outros lugares e saberes. Claro, saber este que pode ser expresso em mais de um modo, pode-se acrescentar⁶

Como se vê, há pertinência em se abordar problemas filosóficos, a partir da literatura de idéias, como é a de Umberto Eco em *O nome da rosa*.

4. Pinharanda Gomes, *Liberdade de pensamento e autonomia de Portugal*, p. 130. Mas Pinharanda Comes não identifica a filosofia à literatura, como se pode ver às páginas 131-134, do mesmo volume. Observe-se ainda a concepção bem peculiar e ampla de "Filosofia" que Pinharanda tem.

5. Giorgio Colli, *O nascimento da filosofia*, p. 91-92. Cf. Jacobo Kogan, *Literatura y metafísica*, 1971, cap. I. Cf. também: *Filosofía y tragédia de Patxi Lanceros*, Prof. de Fil. da Universidade de Deusto (Bilbao), *In: Euskonews & Media*. <http://www.euskonews.com/anteriores>. Airada: Carlo Gentili, *La filosofia come genere letterario*. Bologna: Pendragon, 2003.

6. Werner Jaeger, *Paidéia*, p. 176-206.

2. A figura literária de Umberto Eco

Não é muito fácil categorizar uma pessoa como Eco que tem mais de quarenta anos de exercício no mundo intelectual. Há nele, o ensaísta, o pensador, o conhecedor de filosofia, o narrador, o conferencista, o romancista, etc. Há um mundo imenso, melhor, mundos em uma só pessoa, mundos que se manifestam em sua polissemia de escritor. Ele, efetivamente e tendo-se isto em mente, é quase que não categorizável, pois passeia por diferentes gêneros, às vezes em um mesmo escrito, como no caso de *O nome da rosa*. Há nele, ainda, o conhecedor profundo da semiótica e do *mass-media*. Como se vê, apresenta traços dos eruditos não muito comuns em uma era de tecnologias e pouco dada à reflexão em profundidade. Eco, nesta obra, revela-se como alguém que reflete sobre a Igreja, sobre o Mundo sobre o Homem, a sua condição, a sua convivência, a sua obra, e, assim, o leitor, vale dizer, cada homem, é levado a ver-se, reconhecer-se, analisar-se, pensar, projetar. A única coisa que o leitor não consegue é ser capaz de ficar indiferente àquilo que Eco se propõe, porque ele é instigante, brilhante, investigativo, profundo.

Ele vem do mundo da semiologia, como se assinalou acima. Veja-se o que ele diz a respeito:

*Se a semiologia não é somente a ciência dos sistemas dos símbolos reconhecidos como tais, mas a ciência que estuda todos os fenômenos da cultura como se fossem sistemas de símbolos baseando-se sobre a hipótese que na realidade todos os fenômenos da cultura sejam sistemas de símbolos, isto é, que a cultura seja essencialmente comunicação — um dos setores sobre o qual a semiologia encontra-se mormente desafiada pela realidade, sobre a qual procura se interessar, destaca-se a arquitetura.*⁷

Desta obra de Eco pode-se fazer diversas interpretações, as quais dependem principalmente do ponto de vista cultural de quem interpreta, pois, interpretar é principalmente algo cultural. É um posicionar-se em face de um autor e da sua obra a partir da ótica de quem o lê, ainda que o ideal fosse lê-lo e interpretá-lo somente a partir da ótica do próprio autor. Há aqui algo importante e que se chama os limites dentro dos quais se faz a interpretação e aí se subjaz a própria verdade. Verdade que se há de interpretar.

7. Umberto Eco, *La struttura assente*, 1968, no capítulo dedicado à Arquitetura, *apud* Massimo Giovannini, decano da Faculdade de Arquitetura, artigo *Laurea Honoris Causa in Architettura*, *In*: <http://www.unircit/eco/motivazioni.htm>

Seja como for, o seu romance está destinado a ajudar a compreender como se enfrenta e transmite o conhecimento e, sobretudo, o leitor, socraticamente, é chamado a conhecer-se.⁸

3. O contexto histórico

Dos séculos XI ao XV na Idade Média, ocorreu a desintegração do feudalismo e o cometo do que viria a ser o capitalismo na Europa Ocidental. Ocorreram assim, nesse período, transformações na esfera económica, crescimento do comércio monetário, social, projeção da burguesia e sua aliança com o rei, na política, sementes dos futuros Estados europeus e respectivas línguas nacionais, a formação das monarquias nacionais representadas pelos reis absolutistas, e até religiosas, que culminarão com o cisma do Ocidente, através do protestantismo iniciado por Martinho Lutero na Alemanha em 1517.

Em 1327, data dos eventos da Abadia, a Igreja estava em grande crise. O papado fora transferido à força para Avignon. O Papa Bonifácio VIII foi preso e humilhado, tendo morrido logo em seguida. Bento XII, seu sucessor, teve morte misteriosa. O papado caiu em desprestígio e favoreceu o aparecimento de inúmeras heresias e movimentos sectários, como: Espirituais, Fraticelli, Patarinos, Arnaldistas, Dolcinianos ou Pseudo-Apóstolos, Begardos, Irmãos do Livre espírito, Flagelantes, Guelfos, Gibelinos, Zelantes, etc. O Papa João XXII, famoso por sua habilidade financeira, combateu-os energicamente, bem como processou e condenou Mestre Eckhart, Guilherme de Ockham, Marsílio de Pádua e Jean de Jundun, por suas teses antipapais e heréticas.⁹

8. Cf. Prof. Massimo Giovannini, art. cit. Todas as obras de Eco, já publicadas e com as principais traduções, encontrara-se no Site, já citado, da Università di Reggio Calabria. Cf. também o Site The Modern World. O último romance de Eco, que está sendo publicado agora em português, intitula-se *A misteriosa chama da Rainha Loana*. Rio de Janeiro: Record, 2005. Além das fontes em notas de rodapé e na bibliografia o Autor deste artigo deve algumas de suas intuições a uma Conferência ministrada em 1984, no Hall da Paróquia de N. Sra. da Paz, Ipanema, Rio de Janeiro, por Leonardo Boff e José Américo Motta Pessanha. Além disso, o Autor também deve muito a Orlando Fedeli no seu longo artigo sobre o livro de Eco, publicado no Site [http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernosdzsubsecao.religiandortigo.labirintos12\(=bra](http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernosdzsubsecao.religiandortigo.labirintos12(=bra) O problema sério é que as interpretações de Fedeli não são aceitáveis devido a seu radicalismo extensivo. O Autor procura evitar tais extremismos.

9. Cf. Orlando Fedeli, art. cit. Mestre Eckhart, dominicano e filósofo místico alemão (1260-1327). Guilherme de Ockham, 1298-1349, teólogo e filósofo nominalista inglês. Marsílio de Pádua, teólogo e filósofo político italiano, 1275-1343. Defendia o domínio do Estado sobre a Igreja. Jean de Jundun, +1328, colaborador de Marsílio de Pádua. Foi um destacado averroísta.

Posteriormente, irá destacar-se no campo cultural o movimento renascentista que surgiu em Florença no século XIV e se propagou pela Itália e Europa, entre os séculos XV e XVI. O Renascimento enquanto movimento cultural resgatou da Antigüidade greco-romana os valores antropocêntricos e racionais, que, adaptados ao período, entraram em choque com o teocentrismo e o dogmatismo medievais sustentados pela Igreja Católica de então.¹⁰

4. O tema

O nome da rosa é o primeiro romance de Umberto Eco e cuja temática passa-se no século XIV, no outono de 1327 e relata eventos ocorridos em uma majestosa Abadia ao pé de montanhas nevadas do norte da Itália.

As personagens principais são Guilherme de Baskerville, franciscano inglês e antigo inquisidor, pessoa dotada de grande cultura filosófica e teológica. Aqui, claro está já se pode ver a presença de Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) e o seu personagem mundialmente conhecido: Sherlock Holmes.

Aliás, a própria pessoa de Guilherme de Baskerville, pela descrição que Eco faz ao longo do livro, como uma pessoa de grande capacidade dedutiva, humilde, com grande vontade de descobrir a verdade e conhecer faz sim pensar no detetive inglês. Mais. O detetive inglês vem do Condado de Baskerville que empresta seu nome ao título da obra *O mastim dos Baskerville*, de Sir Conan Doyle.¹¹

A outra personagem é o fiel companheiro de Guilherme, o noviço Adso de Melk, o qual na velhice contará os eventos

10. Apud o autor do Site Historianet — A Nos. História. Para uma visão mais detalhada, a respeito, veja-se J.M. Roberts, *History of the World*, Cap. 10, Europe: the first revolution. New York: Oxford University Press, 1993. Também, Edward McNall Burns, *História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica. O drama da raça humana*. Cap. 11: A civilização da Europa nos começos da Idade Média, particularmente às p. 268-275, onde o autor ressalta as sementes político-econômicas do futuro desenvolvimento da Europa Ocidental. Para o período e a temática específicos a que se refere Eco no romance veja-se *Wide as the waters*: New York: Benson Bobrick; Simon & Schuster, 2005, apud Millôr Fernandes. Em defesa do mensalão ou a decadência da corrupção. Veja, Ed. Abril, ed. 1912, ano 38, n. 27.

11. Apud o/a autor/a do antigo Il nome della Rosa (romano), no Site http://it.wikipedia.org/wiki/Il_nome_Rosa%28romanzo%29. Cf. Antônio Ribeiro de Almeida, *O nome da rosa*, de Umberto Eco, in: <http://www.criticanarede.com/Momedarosa.html>

acontecidos muitos anos antes na Abadia os quais foram vivenciados por ele ao lado de seu mestre. Adso, é evidente, faz referência à figura do companheiro fiel de Sherlock Holmes, o famoso Watson.

No Abadia beneditina, situada sobre os pés de uma imponente rocha, acontecerá um encontro entre franciscanos, dominicanos e delegados papais os quais devem esclarecer alguns problemas relativos à fé.

Na Abadia, a maior do cristianismo, Guilherme e Adso visitam, os lugares mais significativos, e particularmente o *scriptorium*, onde são copiados e ilustrados os manuscritos antigos; a Biblioteca, com a sua estrutura labiríntica, acessível somente ao bibliotecário e os protagonistas dos fatos, a saber: O abade Abbone, o velho místico franciscano Ubertino de Casale, o herborista Severino, o bibliotecário Malaquias e o seu vice Berengário, Venâncio, tradutor do grego, amigo do monge assassinado Adelmo, alguns jovens tradutores e escribas, o despenseiro Remígio, o servo Salvador e, por fim, um velho monge cego chamado Jorge de Burgos,¹² que tinha sido bibliotecário. Havia também uma jovem da vila que pedia algo para comer em troca de favores "particulares" para com alguns monges corruptos. A estes vai juntar-se o severo e cruel inquisidor Bernard Guy e os delegados papais.¹³

Desde a chegada, Guilherme e Adso ficam sabendo da recente e misteriosa morte do jovem monge Adelmo de Otranto, miniaturista exímio. Guilherme é encarregado de desvendar o crime.¹⁴

O segundo dia começa com um novo crime quando descobrem o cadáver de Venâncio de Salvemec, o tradutor de textos gregos. A atenção volta-se aos poucos para a Biblioteca.

No terceiro dia há o sumiço de Berengário, o vice-bibliotecário. Guilherme insiste na busca até descobrir o cadáver do monge.

12. Referência e homenagem ao grande escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986).

13. Autor do *Manual do inquisidor*. Sobre o interrogatório-modelo inquisitorial de Bernard Guy, no qual Eco procura sutilmente mostrar que, no fundo, inquisidor e herege, são almas gêmeas, inimigos e iguais e igualmente criminosos, veja-se Umberto Eco, op. cit., p. 422424.

14. Eco, op. cit., p. 106ss.

dentro de uma banheira cheia de água. Há, neste dia também, a descoberta por parte de Adso, das coisas do amor, coma moca da vila.

O quarto dia é dominado pelo horror: Com efeito, há uma nova morte, a do herborista Severino. Como? Por quê? Tudo intriga Guilherme. Chegam os representantes papais.

No quinto dia começa a polarização entre os dois lados que discutem sobre a pobreza de Jesus e sobre o poder temporal da Igreja. Severino, que comentara com Guilherme sobre um estranho livro, aparece morto. Jorge de Burgos prega sobre a vinda do anticristo.

No sexto dia é a vez do bibliotecário Malaquias aparecer morto. Esta é a quinta morte misteriosa. As pontas dos três primeiros dedos da mão direita de Malaquias, como antes a língua de Berengário, estão escuras: é o sinal de veneno. Guilherme procura aprofundar a investigação e centra-se na Biblioteca, cuja entrada secreta descobre.

Na noite entre o sexto e o sétimo dia, Guilherme e Adso vão à Biblioteca e percebem alguém se agitando como que sufocado: era o sexto morto, precisamente o abade Abbone. Dentro do labirinto da Biblioteca encontram o velho monge Jorge de Burgos: descobre-se o triste mistério. Havia na Biblioteca o segundo livro perdido da Poética, de Aristóteles, mas Jorge sempre o havia escondido, impedindo a sua leitura. Jorge foi finalmente vencido, mas ele não se dá por vencido: tenta destruir o volume engolindo as páginas envenenadas (será, assim, o sétimo morto) e, em seguida, põe Togo na Biblioteca: perde-se deste modo não só o livro da Poética de Aristóteles, mas toda a Biblioteca. Guilherme e Adso voltam para os seus lugares de origem.¹⁵

5. Leituras do texto a partir da literatura

Este romance, de 562 páginas, não deve meter medo no leitor pelo fato de ser muito grande. Verdade é que tem um sem fim de

15. *Il nome della rosa* (1980). Anônimo. Riassunto
<http://www.gstudiosolutinonsit/aolutions/Universita/AgevolazioneSt...> Carmine Quaranta, artigo sem título
in: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Meus%20docurn...>

citações latinas e em alemão. Isto deve fazer pensar na importância em se conhecer as línguas clássicas, bem como o alemão, ao menos, para se saber de filosofia ou temas a ela relacionados. Deste modo o português, que vem do latim, fica enriquecido e o conhecimento mais profundo.

Eco usa estas línguas não por pedantismo, mas para mostrar a sua cultura e, através delas, o que ele quer dizer com este escrito polissêmico seu.

No Site www.itiscannizzaro.net/Libro/cap3.htm, existe uma interpretação literária do capítulo terceiro que a seguir se expõe, devido à sua clareza e importância e pelo fato de ajudar na compreensão antropológica de todo o livro, foco principal deste artigo.¹⁶

Em *O nome da rosa* de Umberto Eco entrecruzam-se diversas formas narrativas: o romance histórico, de horror, o romance gótico, o romance de formação. Sem dúvida que o livro reconstrói um contexto histórico bem preciso, no cometo do século XIV, no qual entrelaçam a ânsia de renovação espiritual, à espera da justiça por parte das massas rurais, tendo como pano de fundo a crise do papado de Avignon, pela corrupção que se alastrava e pelas últimas tentativas imperiais de reconquista da Itália. Eco repropõe este pano de fundo histórico-ideológico com urna reconstrução precisa, com rara erudição. Ele pie-se na esteira do romance histórico manzoniano,¹⁷ concebido como um misto de história e de invenção. A história narrada é efetivamente fruto criador do narrador, mas tem o sabor da verdade pela ambientação tipicamente medieval na qual se inserem personagens históricas como Ubertino de Casale.¹⁸ Figuras, ao contrário, como o ex-dolciniano.¹⁹ Salvador, não são históricas, mas espelham fielmente o espírito do ambiente ao qual se referem. O próprio móbil da série dos homicídios que se verifica na Abadia é fruto da relação particular que a Idade

16. O artigo é intitulado Cap. 3, Interpretazione del testo e não traz o nome de autor/a. A tradução é do Autor deste artigo como, aliás, todas as traduções e notas.

17. Trata-se do poeta e romancista italiano Alessandro Manzoni (1785-1873), autor de *Os noivos* e de outros escritos.

18. Ubertino da Casale, 1259-1330, franciscano. Líder dos Espirituais. Defendia a observância literal da Regra e do Testamento de São Francisco. Faleceu em 1330, possivelmente envenenado.

19. Os Dolcinianos eram hereges medievais e opunham-se às autoridades eclesiásticas e religiosas. Viviam em promiscuidade sexual e em comunidade de bens.

Média estabelece como período Clássico, considerada expressão de valores contrários ao Cristianismo, que se deviam manter bem longe do "vulgo" que poderia desviar-se da fé.

Parafrazeando Manzoni pode-se dizer que o autor conseguiu captar o espírito da época na qual situou a história criando personagens e enredo que parecem retirados realmente de um manuscrito medieval e não fruto de invenção criadora.

O nome da rosa, de todo modo, pode ser também considerado um romance gótico; o texto, de fato, gera um entrelaçamento que relaciona os vários elementos da narração de modo que suscita no leitor uma reação de expectativa e, às vezes, de medo. Muitos acontecimentos-chaves do livro, de fato, acontecem à noite ou na presença de uma densa névoa, dentro de uma Abadia habitada por monges que procuraram guardar os seus segredos.

A própria biblioteca inacessível à maioria, cheia de passagens secretas, e organizada em forma labiríntica, ajuda a delinear uma atmosfera angustiante típica de um texto gótico, graças também ao temor da morte causado pelos cadáveres dos monges encontrados dentro da Abadia.

Isto introduz uma outra possibilidade de compreender o texto: o livro inicia como se fosse um policial, um livro de terror e será este o fio condutor em toda a história, dentro do qual se podem encontrar todos os elementos do romance.

Se o texto for lido desde este ponto de vista, aquele que narra os acontecimentos, Adso, não é senão o ajudante de um detetive, o seu mestre, que consegue descobrir quem é o culpável pela série de homicídios dentro da Abadia, somente após longa procura e continuas tentativas baseadas em deduções, derivadas graças às mais diversas conjecturas ditadas pela lógica.

Por outro lado, Adso, ao ser guiado pelo seu mestre Frei Guilherme, passa por uma etapa de amadurecimento e de crescimento e neste sentido o romance pode ser considerado uma *paidéia*.

Não se pode, contudo, transcurar que O nome da rosa também pode ser lido como a expressão de uma pluralidade de significados e significantes no campo literário, fruto de uma acurada análise

semiótica por parte de Umberto Eco. O signo, definido por ele como função significada, nasce da relação entre o processo de comunicação e o processo de significação, o primeiro ligado

aos conteúdos de uma transmissão de informações, o segundo aos significados estabelecidos pelas regras e códigos. Um dos problemas que mais afligem o campo da semiótica (a semiologia) é a assim chamada "semiose" (semiosi) ilimitada, por causa da qual a uma mesma significação podem-se associar comunicações diferentes. Deriva-se de tal ambiguidade a necessidade de se definir a relação bem precisamente entre o plano do sinal e aquele da realidade, e, portanto, o do contexto. E precisamente com o género romanesco, do qual *O nome da rosa* é o exemplo máximo, que Eco consegue circunscrever uma série de sinais no âmbito de uma trama narrativa particular ou de personagens particulares, portanto dentro de uma unidade cultural específica.

Na redação de suas obras o autor tem também em grande consideração a figura do leitor, considerado não como elemento à parte, mas como elemento constitutivo do próprio romance. Tal atenção pode ser vista nas contínuas solicitações dirigidas a ele, vinculadas, como no caso de *O nome da rosa*, aos enigmas particulares que são postos à prova de sua inteligência. Para cada romance há um leitor modelo, que deve explorar todas as possíveis potencialidades do texto.

A utilização de uma fábula fechada implica, pois, a idéia de um destinatário predisposto nos confrontos de uma trama previsível; ao contrário a fábula aberta implica o narrar a um leitor em grau de "produzir por si mesmo uma fábula", em nome daquele modelo cooperativo autor-escritor que está na base da teoria de Eco.

Mas precisamente estes enigmas que estão na base e cuja verdade procura o protagonista indagador, mostram os seus limites e os limites da mente humana. Esta conclusão é provavelmente o fruto de anos de estudos por parte de Umberto Eco no campo da semiótica, uma ciência precisa que ao analisar um setor tão amplo como é aquele do significado, cai tantas vezes em fortes contradições. **São tais contradições que mostram a efetiva comicidade da condição humana, as inexistências de certezas, às quais confiar-se.**²⁰ Se de um lado a estrutura do romance mostra,

20. Negrito do Autor deste artigo.

portanto uma grande rigidez (a organização espaço-temporal, na tentativa de unir as várias formas romanescas existentes e as regras que as governam), por outro lado a mente racional de Guilherme de Baskerville mostra-se insuficiente em face da descoberta da verdade, que é tão somente fruto de paradoxos.

Entre os vários fins que Umberto Eco se propõe com *O nome da rosa* grande relevância possui, seguramente, o pedagógico: a este respeito é evidente uma espécie de paralelismo que se instaura entre o próprio Guilherme de Baskerville e o autor; o primeiro com o intento de iniciar o discípulo à vida religiosa e à complexidade da "vida real", o segundo com a finalidade de resolver a grande confusão contemporânea cujos protagonistas são a **Itália e a Europa**.

É peculiar à função iniciatória representar o ponto de coesão entre irracionalidade, mistério e razão: em um primeiro momento o leitor é tranqüilizado por um controle severo do romance com destaques precisos, temporais e espaciais, que, contudo, com o evolver-se da narrativa mostrara-se insuficientes para manter tal confiança "abandonando-o" à enigmaticidade da obra.

De tal ponto de vista é relevante a utilização do jovem Adso como o eu narrante (mesmo que se instaure uma duplicidade entre o eu narrante e o eu narrado porque o protagonista conta a sua experiência muitos anos após os eventos acontecidos), porque o leitor não está ainda familiarizado com os mistérios de seu tempo e como qual ele pode se identificar.

Ciente que "cada história conta uma outra história" brota, além disso, aquele topos literário na dupla moldura, isto é, de uma obra que reproduz um antigo manuscrito que casualmente chegara às mãos do autor e que seria possível encontrar mesuro em autores como Cervantes e Manzoni, motivados porém pela tentativa de tornar os seus escritos particularmente realistas.

6. Leituras a partir da filosofia.

O ambiente filosófico universitário

Como se mencionou antes, a ação passa-se no cometo do século XIV, daí, pois, que seja bom que se recorde brevemente a

21. A literatura é imensa: Veja-se Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofía* II (19: p. 345-533. Sobre a solução tomista dos Universais Idem. *Ibidem*, II (24), p. 251,313,368,372,525.

situação filosófica nesse período. Ao passo que na Universidade de Paris prevalecia o Aristóteles metafísico e era descuidado o Aristóteles científico, na Universidade de Oxford,

Inglaterra, centro do agostinismo franciscano, em harmonia com as tendências empiristas inglesas, o interesse se achava centrado nas investigações científicas, físicas e matemáticas. Assim os franciscanos de Oxford combinam ciência, experiência, indução, valorizando a natureza e ressaltando o misticismo platônico-agostiniano. É uma atitude intelectual contraposta ao aristotelismo da Universidade de Paris.

A principal personagem dessa novela é Guilherme de Baskerville, inglês, franciscano e que estudou na Universidade de Oxford. Ele cita muito Roger Bacon²², franciscano inglês, e este apela para a experiência: o método silogístico (baseado em Aristóteles e ensinado pela Universidade de Paris) e o da abstração não dão um conhecimento completo do Universo: segundo Roger Bacon são necessárias a observado e a experiência dos fatos naturais. A autoridade, em filosofia, faz o filósofo crer, mas não o faz compreender a natureza das coisas nas quais crê. A razão completa a autoridade sobre este ponto, mas não o faz distinguir o verdadeiro do falso. Somente a experiência, que confirma e verifica a verdade, é capaz de dar-lhe a verdadeira demonstração.

Outro que é citado é Guilherme de Ockham, franciscano inglês e formado em Oxford. Para Ockham só o individual é real e assim o conhecimento verdadeiro e concreto é o que diz respeito ao singular. Para Ockham o conhecimento conceitual ou abstrato, próprio do universal, é confuso e indeterminado; capta só os caracteres comuns aos vários objetos e deixa escapar o que tem de particular e que os distingue, ou seja, a realidade. O verdadeiro conhecimento é o intuitivo, que capta claramente a ordem concreta na percepção sensível, diz Ockham. Ockham, sempre foi hostil ao aristotelismo ensinado em Paris.

Philotheus Boehner e Etienne Gilson. *História da Filosofes Cristã*, p. 250-530. José Ferrater Mora, *Diccionario de Filosofía*, vol. IV, voz Universal. Orlando Fedeli, art. cit. Nicola Abbagnano, *Diccionario de Filosofia*, vozes Universais, Disputa dos e Universal, etc.

22. Teólogo e filósofo franciscano inglês, 1214-1294. A sua obra exige que se dê experiência no tratamento da Natureza. Aprender através da experiência não significa contrapor-se à fé, segundo ele.

O que está em questão, filosoficamente, no livro *O nome da rosa* é a célebre discussão dos Universais: *o universal — conceito (post rem)* tem seu fundamento no *universal — coisa (in re)*,

mas porque este é, por sua vez, fundado no *universal - Deus (ante rem)*. A mente divina mede a coisa, e essa mede o intelecto humano. Esta doutrina, em síntese, afirmava o seguinte:

- O Realismo Filosófico: vem de Parmênides e Heráclito. Adquire um alcance fundamental para Platão e seguidores para os quais os Universais teriam existência real Tora da mente, na Idéia. Esta é perfeita; a coisa, que dela participa ou a imita, é imperfeita.
- O Nominalismo: Roscelin, Abelardo, Ockham, filósofos medievais, afirmavam que os Universais são meros nomes. É a postura de Frei Guilherme de Baskerville-Umberto Eco nesta obra. A única realidade é a coisa individual. Negavam que houvesse uma realidade que correspondesse a um conceito universal, que só existiria na mente.
- O Realismo Moderado: o Universal nem é um mero nome como afirmavam os nominalistas, nem tem existência num mundo imaterial de puras idéias, como diziam os platônicos e como queriam os gnósticos. Esta posição era defendida por São Tomás e adotada pela Igreja. Eco praticamente a ignora.

Cada uma destas posições filosóficas podia ter sérios desdobramentos teológicos, alguns considerados heréticos, e que não são objeto de análise deste artigo.²³

7. O livro

É um romance metafísico de investigação, fundamentado sobre um jogo de encaixes paródicos e labirínticos, disfarces citações, paráfrases e relações intertextuais; dele Eco extraiu uma trama custosa, ilustrativa do grande espetáculo que funciona: mostra muito e diz algo sobre o fundo de uma Idade Média gótica mais que românica, com um ressaibo de anticlericalismo tosco que trai, esquematizando, a culta ironia do autor.

23. Veja-se a nota 21, para os aspectos filosóficos.

O livro de Umberto Eco tem um estilo policial atraente e chama a atenção do leitor. Os fatos neles narrados ocorrem na última semana de novembro de 1327, numa Abadia da Itália Medieval, situada imaginariamente entre o Piemonte, a Perúgia e a França.

Há nessa Abadia a morte de sete monges em sete dias e cada morte do modo mais incrível e horrível e esse é o motor responsável pelo desenvolvimento da ação.

Eco, sutilissimamente atribui a narração da obra a um suposto monge, Adso de Melk, que na juventude teria presenciado os acontecimentos. Eco procura fazer do livro uma crónica erudita da vida religiosa e política no século XIV, com um relato interessante de movimentos heréticos.²⁴

Afinal, o que é esse livro? O que diz? Que trama religiosa é essa?

Podem-se ter várias respostas:

1ª Poderia ser a revelação de uma ótica de um tempo místico, a Idade Média, tantas vezes desconhecida pelo homem moderno;

2ª Ou poderia ser uma parábola sobre a Igreja Medieval e atual;

3ª Ou poderia ser uma parábola sobre a Itália contemporânea;

4ª Ou poderia ser ainda uma parábola para o tempo atual;

5ª Ou poderia ser uma parábola sobre a condição humana, que aqui se privilegia.

E se poderia continuar com hipóteses quase ao infinito.

Já se viu que a personagem principal, Guilherme de Baskerville é inglês, franciscano e estudou na Universidade de Oxford. Que significa isso? Significa, nesse momento histórico, não aceitar uma explicação universalizadora do singular pois a verdade tinha que

24. Orlando Fedeli, art. cit., oferece detalhadas e interessantes informações sobre os heréticos medievais da época em que se desenrola as ações narradas no livro.

ser buscada gradualmente.²⁵ Isso significa também oposição ao aristotelismo representado pela Universidade de Paris.

E qual é o tema central do livro ou, ao menos, um dos temas centrais dele?

Um é o tema do riso, da alegria, do humor.

8. O problema do riso

Jorge de Burgos diz que Cristo nunca riu. Guilherme de Baskerville diz que não se pode provar isso desde os textos evangélicos somente. Daí observar para Adso de Melk que na Abadia o riso não goza de boa reputação.²⁶

Jorge diz que o riso sacode o corpo, deforma as linhas do rosto e torna o homem semelhante ao macaco. Guilherme, cheio de perspicácia e ironia faz-lhe ver que os macacos não riem, pois, o riso é próprio do homem e é sinal de sua racionalidade.

Jorge diz firme que o riso é incentivo à dúvida ao que Guilherme contrapõe-lhe dizendo que às vezes é justo duvidar e que ele, Jorge, ao impugnar o riso, ri do riso, portanto Jorge também ri.

Mas por que Jorge é tão contrário assim ao riso?

Há que se entender isto direito.

25. O problema da verdade é essencial para a filosofia e foi abordado de diferentes ângulos. Para Platão, por exemplo, ela só se dá aos poucos, gradualmente e após longo esforço e intensa busca. Cf. Rep. VII, Alegoria Mítica da Caverna.

26. É obvio que Jorge exagera demais, como sempre. O Prof. Dr. Luiz Lauand (USP) em entrevista a Gabriel Perissé *Arte de brincar e o fanatismo afirma que: Aristóteles fala sobre o brincar em Ética a Nicômaco, comentado por Tomás de Aquino e a conclusão a que chegam é que brincadeira é coisa séria. (...) Quem não sabe brincar "rouba" algo e o converte em deboche, algo odioso e ofensivo. (...) Fanático é aquele que não muda de opinião... nem de assunto. (Lei de Churchill). Aristóteles e Tomás diriam que instituições e pessoas demasiadamente "serias" não devem ser levadas a sério... In: <file:///e:/Documents%20and%20Settings/VinXP/Desktop/cultura2.htm>. Para mais informações vejam-se os seguintes artigos do Prof. Lauand: *Lo lúdico en los fundamentos de la cosmovisión de Tomás de Aquino*, In: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/ludico.htm>, *Bom humor e brincar em S. Tomás de Aquino*, In: <file:///c:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/bomhum>, *Nota introdutória ao Tratado sobre o brincar de Tomás*, In: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/tratado.htm>, *Jesus lúdico - Notas sobre a pergunta fundamental de Shakespeare: who's there?*, In: <file:///c:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/jeanwho.htm>.*

Aristóteles, ou seja, Umberto Eco, no segundo livro da *Poética* teria dito, supostamente que *como tínhamos prometido tratamos agora da comédia (ainda mais da sátira e do mimo) e de como suscitando o prazer do ridículo ela chegue à purificação de tal paixão; quanto tal paixão seja digna de consideração já o dissemos no livro sobre a alma,*²⁷ enquanto — único dentre todos os animais— o homem é capaz de rir.²⁸

Era para manter o domínio sobre a Igreja e desta sobre o mundo que o místico Jorge não admitia que os homens viessem a conhecer a filosofia do riso, que os libertaria dos últimos temores.

Na concepção de Jorge de Burgos, a Igreja tolerava o riso bruto dos simples e dos pequenos para descarregar seus humores e ambições, mas nunca o riso elevado ao nível filosófico, como o fizera Aristóteles.

O riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece pobre e tolo, portanto controlável. Mas este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sabedoria. (...) este livro poderia ensinar aos doutos os artificios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão. Então seria transformado em operação do intelecto aquilo que no gesto irrefletido do aldeão é ainda e afortunadamente operação do ventre.²⁹

O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus. E deste livro poderia partir a fagulha luciferina que atearia no mundo inteiro um novo incêndio: e o riso seria designado como arte nova, desconhecida até de Prometeu, para anular o medo. (...) E deste livro poderia nascer a nova e destrutiva aspiração a destruir a morte através da libertação do medo.³⁰

Jorge teme que libertado do medo da morte por meio do riso, o homem deixaria então de viver para o além. Ele passaria a ter um fim puramente terreno. Viveria para o riso, isto é, para o prazer material. Não buscaria mais a glória de Deus, mas sim a glória e o bem estar humanos. Não viveria mais para o céu, mas para a terra.

27. Trata-se do livro *Da alma (De anima)*.

28. Cf. *O nome da rosa*, p. 526. Páginas 526-538 contêm, aquilo que seria a filosofia do riso, na visão de Eco.

29. *Idem*, p. 533.

30. *Id.*, *ib.*

Queria construir o céu na terra. Teria por fim criar na terra o reino da felicidade. Vivendo para a utopia. Rindo e gozando.³¹

Jorge diz que ele queria destruir o livro de Aristóteles, porque tal livro era do Filósofo. Cada livro daquele homem, diz Jorge, destruiu uma parte da sabedoria que a Cristandade acumulara no correr dos séculos.

Jorge é lapidar quando afirma a Guilherme:

*Mas se um dia alguém, agitando as palavras do Filósofo, (Aristóteles) e, portanto, falando como filósofo, levasse a arte do riso à condição de arma sutil, se à retórica do convencimento se substituísse a retórica da irrisão, se à tópica da paciente e salvadora construção das imagens da redenção se substituísse a tópica da impaciente desconstrução e do reviramento de todas as imagens mais santas e veneráveis - oh, naquele dia também tu e toda a tua sabedoria, Guilherme, estaríeis destruídos.*³²

Qual o segredo escondido no *Finis Africae*? Era o livro de Aristóteles sobre o riso, que o místico Jorge de Burgos não queria que fosse lido, porque, por meio dele, o racionalismo destruiria, segundo Jorge, toda a fé. Só ri aquele que compreende. O riso é próprio do ser racional. O entendimento obtido de modo inesperado e muito claro dá uma tal satisfação ao intelecto que o homem ri.³³ Se o racionalismo passasse a usar de modo filosófico a arma do riso - de que trataria o suposto livro de Aristóteles - o último limite estaria transposto e chegaria o fim dos tempos. A fé seria destruída. Por isso o cego Jorge ocultara o livro.

O riso vence o medo e a razão acaba por encontrar o caminho que conduz ao local mais recôndito da Biblioteca do saber.

Jorge sabe que não eliminaria o riso eliminando o livro. Mas para ele o riso é fraqueza, a corrupção, a insipidez da carne humana. É, diz ele, o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado. *Mas aqui, (no segundo livro da Poética) a função do riso é invertida, elevada à arte, abrem-se as portas do mundo dos doutos.*

31. Este problema tem as suas raízes na concepção corpo-alma, que leve origem com os Mistérios órficos; continuou com os Pitagóricos, Platão, Plotino e, até certo ponto, com Santo Agostinho. Para os gregos quanto mais desencarnação melhor, o cristão assume a encarnação do mundo. Jorge erra, teologicamente falando.

32. *O nome da rosa*, p. 534.

33. *Id.*, p. 526.

*Faz-se dele objeto de filosofia, e de pérfida teologia.*³⁴ Ou seja, suporta-se, tolera-se de mau gosto o riso para os simples, mas jamais o riso como arte, como filosofia ou como teologia. O riso é um mal menor. O monge, o homem culto não pode rir, segundo essa concepção. Assim sendo, o livro de Aristóteles teria justificado que há uma certa sabedoria entre os simples. Qual o problema, então? É que o riso dos humildes não seria capaz de destruir, mas quando o riso é elevado ao nível de sabedoria destruiria toda a fé.

Mas por que, uma vez mais, tanto temor ao riso? Porque, de fato o riso é o grande perigo. O riso não só faz abrir a boca, mas obriga também a abrir a mente e dizer que pessoa se é. Somente pode rir quem transcende a realidade, pois o riso liberta a pessoa que ri e a purifica. Nenhum tipo de autoritarismo, temporal ou eclesiástico, tem humor, pois se rege pelo medo: ora, este está vinculado à morte e não à vida, como é o caso do riso.

O místico Jorge de Burgos condena de tal modo as representações que levam ao riso — porque o riso é o efeito da razão ao possuir uma verdade de modo repentino, claro e surpreendente — que ele acaba por estabelecer para si uma cosmovisão irracional da criação.

O seu misticismo anti-racionalista é paradoxal. Por ódio ao riso e ao prazer, ele tanto se opõe ao racionalismo que acaba por negar valor à razão. Porém, agindo desse modo, torna sua defesa do mundo normal — que seria correta se fosse completa e não simplificadora e radical — inteiramente ineficiente, pois um mundo não racional poderia ser concebido às avessas."

O Deus de Jorge não pode ser o Deus de Jesus que amava as crianças e se solidarizava com pobres e prostitutas e estrangeiros e rejeitados. Amar a Deus e ao próximo requer uma certa postura de riso, de humor, de liberdade interior, de superação do medo inibidor. Filosoficamente também se pode ter em mente a ironia socrática.³⁶

34. Id., p. 532.

35. Id., p. 100-101. Cf. Orlando Fedeli, art. cit.

36. A ironia socrática era o jogo múltiplo e variado de disfarces e fingimentos que Sócrates punha em ato para forçar o interlocutor a dar costa de si, se discípulo; para desmascarar saberes falsos, se Sofistas.

9. A condição humana: símbolos

Este livro está cheio de símbolos os mais diversos. O que podem significar?

O leproso é o símbolo medieval dos pobres, marginalizados e excluídos da sociedade³⁷.

Os pastores são o clero, o poder espiritual. Os cães são os nobres, o poder temporal.

As ovelhas são o povo.

Entretanto, às vezes, *os pastores combatem com os cães, porque cada um deles quer os direitos dos outros.*³⁸

Atrás do labirinto das heresias, Eco situa o problema económico, o labirinto das lutas entre o Império e a Igreja, a disputa pelo domínio do Papado, que, por sua vez, estava condicionado ao controle da doutrina, isto é, ao controle do labirinto da Biblioteca. Desse modo, era a disputa pela posse do segredo escondido no *Finis Africae*, que explicava todos os labirintos da Abadia, do Mundo, da História e da Existência Humana.

A luta entre a ortodoxia e a heresia quer dizer luta pelo poder, já que *os excluídos que tomavam consciência de sua exclusão deviam ser tachados de hereges, independente de sua doutrina*³⁹ e, conseqüentemente, combatidos. Com efeito, a luta entre ortodoxia e heresia *raramente diz respeito à fé, e mais freqüentemente à conquista do poder.*⁴⁰

Guelfos e Gibelinos, de modo particular entre os hereges, simbolizam a luta entre a Igreja e o Estado, entre o Papado e o Império.

A Abadia representa o mundo controlado pela Igreja e os seus acontecimentos simbolizam os fatos da História.

37. O nome da rosa, p. 237.

38. Id., p. 234.

39. Id., p. 236-237.

40. Id., p. 237.

O nome do Abade, Abbone, é o aumentativo em italiano d, palavra aramaica Abba, pai. Seria o grande pai, isto é, o Papa; os de então e, talvez, os de hoje.

É, pois bem possível que Eco tenha desejado que Abbone semioticamente, representasse vários papas medievais ou até mesmo alguns atuais.

O Abade representa a Europa Continental, ideologicamente falando, ou seja, o aristotelismo, a dedução e a ausência de experiência para se adquirir o saber e, também, a própria Igreja.

A ciência da Biblioteca do Abade Abbone é a ciência da Igreja, a ciência oficial daqueles que Eco reputa serem os exploradores do povo.⁴¹

Há muita confusão aqui, diz Guilherme.⁴² Aqui é a Abadia? Aqui é o mundo? Aqui é a condição humana? Frei Guilherme não o esclarece. Mas Eco já havia esclarecido: a Abadia era um microcosmo. Ela representava a Igreja, o Mundo e a Condição humana. Ela, o Mundo e a Condição humana eram confusos labirintos.

O labirinto, o *finis Africae, hic sunt leones*, ou seja, a parte mais oculta e difícil de se chegar pode simbolizar a condição humana. A verdade se dá à medida que se caminha para o labirinto e no labirinto. O labirinto é a metáfora de iniciação, ou seja, o conhecimento é progressivo, verdade e erro não podem ser completamente separados, como se pode ver na Analogia Mítica da Caverna, de Platão. (*República, VII*) A verdade, para o filósofo é relacional e jamais, jamais mesmo, um dogma, algo fechado.⁴³

O romance de Umberto Eco é assim porque assim é a História, porque assim é o homem, vale dizer, ambos são zigzagueantes. Cada homem, é que é ambigüidade: é dia e noite, inverno e verão, verdade e mentira, bem e mal, filósofo e sofista. Nada é nítido, definitivo, porque tudo está em um processo de conquista gradual,

41. Id., p. 239.

42. Id., p. 554.

43. Vale recordar que os historiadores da filosofia, afirmara que *os gregos não tiveram livros sacros ou considerados fruto de revelação divina. (...) (Nem) uma dogmática fixa e imutável.* Giovanni Reale e Dario Antiseri, *História da Filosofia*, p. 19, V.I. Na origem, hoje e sempre a Filosofia só se dá com liberdade.

ou seja utópico, dialético. O homem é, sim, inteligentíssimo, mas é feroz ao mesmo tempo, é mestre na arte do bem e do mal. Há nele, dois hemisférios morais opostos, isto é, a inteligência e a ferocidade, digladiando-se, sem que haja um término a essa guerra. O homem é dúplice, é um animal feroz ainda que sábio. A sua é uma existência dilacerada.⁴⁴

Aí surge a inevitável questão: quem tem razão? Tem razão quem mantém a tradição, como tem razão quem busca o novo. Mas também ambos, tradicionalistas e progressistas, podem estar errados se quiserem se excluir. Em termos da epistemologia platônica: o Uno não é sem o Múltiplo e este sem aquele. Não se excluem, complementam-se reciprocamente, pois são como cara e coroa, dois lados inseparáveis de uma mesma realidade essencialmente inseparável: a verdade é a simultaneidade.

No final Jorge come o livro do riso: referência ao que profetizara a sétima e última trombeta do *Apocalipse*, no qual se ordena que o livro seja pego e devorado. No começo será doce; devorado, profundamente amargo.⁴⁵

A obra de Umberto Eco é tão mais completa quanto mais inconclusa. Tudo se incendeia, ao final do livro. Quer dizer que todos os homens estão certos e que todos estão errados. Ninguém possui a verdade total, ninguém é dono da verdade, mas todos devem tornar-se servos da verdade.

10. Conclusão

O que Eco quer mostrar? Um dos aspectos que ele procura mostrar seja através da leitura literária como da filosófica, é uma parábola da situação humana, da realidade existencial do homem, pois a existência deste é labiríntica e toda pessoa está a caminho de si mesma neste labirinto que é a vida, feita de erros e acertos.

A verdade, contudo, liberta o ser humano, jamais o escraviza, como no caso de Jorge. Ele cultuava não a verdade, mas a sua verdade, queria ser o dono da verdade, e daí o seu dogmatismo satânico, que necessariamente exclui o outro e a verdade.

44. José Beluci Caporalini, op. cit., p. 203ss.

45. *Apocalipse*, 10:8-10. O livro do *Apocalipse* era um livro tão caro e fundamental a vários grupos de hereges, como os Espirituais e os Fraticelli. *Apud* Orlando Fedeli, art. cit.

O riso, neste sentido, pode representar a criatividade do homem, pois o fato de ele poder rir da coisa certa significa superar-se de seu impasse existencial e pôr ordem no caos de sua labiríntica existência.

A rosa de então, centro real desse romance, é a antiga Biblioteca de uma Abadia beneditina, na qual estava guardado a sete chaves grande parte do saber greco-latino. A rosa de hoje é o ser humano de hoje, cada ser humano, na família, na sociedade, no Estado no País e no mundo em face do labirinto imenso que questiona a vida humana, que questiona o ser humano e o impulsiona à verdade, no meio de tanta incerteza, perplexidade, dúvida. O livro apresenta um retrato paradigmático no universo das idéias: da Idade Média e da Atual. **Com as idéias se pode fazer tudo**, mostra Eco. A razão autoritária, dogmática e a razão indagadora, livre. O projeto de tenazmente conservar e o de tenazmente renovar. **Há razão para tudo**.

A própria posição de Eco, neste livro, tem que ser vista com cautela, uma vez que ele parte do pressuposto semiológico-nominalista, segundo o qual não existe verdade objetiva, e que, em consequência não há leitura correta de um texto. Nenhuma interpretação ou leitura seria objetivamente certa; pois só uma leitura semioticamente e nominalisticamente relativista seria absolutamente certa. Não se podem ignorar outras possibilidades de leitura, por exemplo, a oferecida pelo Realismo moderado de Tomás de Aquino, totalmente ignorada por Umberto Eco. A verdade não pode ser aprisionada por nenhum ponto de vista teórico, nem mesmo pelo oferecido pela semiologia, pelo Nominalismo ou outro qualquer.

Em o debate sobre o riso e sobre a pobreza, Eco, sutilmente também critica a Igreja e o que ele crê seremos seus bizantinismos. Mas mesmo as suas críticas inteligentes à Igreja de então e, parabolicamente á de hoje, devem ser matizadas, pois ele também defende a necessidade de se esconder as fontes da ciência, já que *o sábio tem o direito e o dever de usar uma linguagem obscura, compreensível somente a seus pares.*⁴⁶ Mas era isto o que a Abadia-Igreja de então fazia no *Finis Africae*: mantinha os segredos e as verdades mais importantes ou mais perigosos fora do alcance dos

46. O *nome da rosa*, p. 111.

mais simples, da maioria e isto é criticado acicamente por Eco. Guilherme-Eco, diz que *não significa que os segredos não devam ser revelados, mas que compete aos sábios decidir quando e como.*"⁴⁷

De todo modo, há uma seleção para estabelecer quem pode e quem não pode conhecer as verdades, e que verdades, e quem deve permanecer na ignorância. Desse modo, ele torna-se alvo das próprias críticas que tece á Abadia-Igreja medievais, a respeito do controle da verdade e da ciência. Assim sendo, a luta pelo controle dos saberes se resume, segundo o livro de Eco, numa disputa entre dois sistemas opostos da captação da realidade: o da mística irracional gnóstica representada por Frei Jorge de Burgos e o do racionalismo representado por Frei Guilherme de Baskerville

Será que o homem atual também, como Guilherme de Baskerville, conseguirá decifrar, penetrar e sair ileso desse labirinto? Sim, é possível, com o esforço contínuo para conseguir a verdade e com o riso libertador e purificador.

Uma palavra final: e o nome da rosa o que significa? É como a rosa antiga, pois significa o infinito poder das palavras: significa tudo e não significa nada. É urna saída Nominalista de Umberto Eco.

O agora ancião Adso de Melk, que conta esta história, conclui com um latinismo: *Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus. A rosa primigência existe enquanto nome, possuímos os simples nomes.* Ou ainda e, talvez, traduzindo melhor o verdadeiro espírito semiológico-nominalista do livro de Eco: *Permanece a rosa antiga pelo nome; temos apenas o vazio dos nomes.* Em qualquer dos casos é a tese Nominalista ockhamista que triunfa. Qualquer interpretação do labirinto pode ser falsa. Não capta, em última análise, a verdade nem o que Eco quis efetivamente dizer. Na verdade, Eco recusa-se a revelar o que o livro quer dizer, e ao fim do mesmo, Adso, o narrador da história, confessa ao leitor desconhecido, não saber se a história contenha algum sentido oculto, e se mais de um, muitos e até nenhum. Não é que a obra não tenha nenhum sentido: precisamente ao contrário, a saber, pela sua riqueza de conteúdo é que todo e qualquer sentido único seja redutor da mesma. Isto

47. Id., ib.

dito, e tendo-se isto em mente, pode-se dizer sim que se trata da urna mensagem que leva a refletir de modo que o homem não se presuma ser o depositário de verdades absolutas na medida em, que estas sempre serão contestáveis; de fato, até mesmo risíveis.

11. Bibliografia

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
2. ANÓNIMO. *Il nome della rosa* (1980). Riassunto. In:
<http://www.gstudiosolutions.it/solutions/Universita/AgevolazioneSt...>
3. ANÔNIMO. Cap. 3: Interpretazione del testo. <http://www.itiscannizzaro.net/Libro/cap3.htm>
4. ANÔNIMO. *Il nome della rosa* (1980) www.italialibri.net
5. ANÔNIMO. *Il nome della Rosa* (romanzo).
http://it.wikipedia.org/wiki/Il_nome_della_Rosa%28romanzo%29
6. BOEHNER, Philotheus e GILSON Etienne. *História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. de Raimundo Vier. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
7. CAPORALINI, José Beluci. *O conceito de homem em Fidelino de Figueiredo*. Londrina: UEL, 2001.
8. COLLI, Giorgio. *O nascimento da filosofia*. Trad. de Frederico Carotti. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
9. CHRISTIE. *Il nome della rosa* (Eco U.). Opinioni sul prodotto dell'incredibile memoriale di Adso da Melk. <file:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Meus%20docum...>
10. ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
11. FEDELI, Orlando.
[http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=laboratorios12\(=bra](http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=laboratorios12(=bra)

12. FERNANDES, Millôr. Em defesa do mensalão ou a decadência da corrupção. Veja, Ed. Abril, ed. 1912, ano 38, n. 27.
13. FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofía II* (1º): el cristianismo y la filosofía patrística. Primera escolástica. Cuarta edición por Teófilo Urdañoz. 4.ed. Madrid: BAC, 1986.
14. _____. _____ II (2º): filosofía judía y musulmana. Alta escolástica: desarrollo y decadencia. Cuarta edición por Teófilo Urdañoz. 4.ed. Madrid: BAC, 1986.
15. GIOVANNINI, Massimo. Laurea Honoris Causa in Architettura. <http://www.unirc.it/eco/motivazioni.htm>
16. GOMES, Pinharanda. *Liberdade de pensamento e autonomia de Portugal*. Lisboa: Espiral, 1971.
17. JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. de Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
18. LANCEROS, Patxi. Filosofia y tragedia. <http://www.euskonews.com/anteriores.html>
19. LAUAND, Luiz Jean. Bom humor e brincar em S. Tomás de Aquino. <File:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/bomhum>
20. _____. Nota introdutória ao *Tratado sobre o brincar de Tomás*. <File:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/tratado.htm>
21. _____. Lo lúdico en los fundamentos de la cosmovisión de Tomás de Aquino. <File:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/ludico.htm>
22. _____. Jesus lúdico — Notas sobre a pergunta fundamental de Shakespeare: who's there? <File:///c:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/jeanwho.htm>
23. MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*, vol. IV. Nueva ed. rev., aum. y act. por Josep-María Terricabrás. Barcelona: Ariel, 1994.

24. PERISSÉ, Gabriel. A arte de brincar e o fanatismo.
[File:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/cultura2.htm](file:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Desktop/cultura2.htm)
25. PLATÃO. A *República*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
2 vols.
26. QUARANTA, Carmine. (Comentários sem um título inicial)
<file:///C:/Documents%20and%20Settings/WinXP/Meus%20docum...>
27. REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: Paulinas, 1990. V.1 (Coleção Filosofia)
28. ROBERTS, J.M. *History of the world*. New York: Oxford University Press, 1993.
29. TEIXEIRA, Antônio Braz. Conferência pronunciada na Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: dezembro de 1987.